

Lamarca, O FILME

Quinto lançamento dos filmes nacionais no primeiro semestre de 1994, este filme cumpre não só o papel de resgatar o sucesso do Cinema brasileiro, mas um importante fato da história recente deste país.

Este filme cumpre vários papéis dentro do cinema nacional: é o quinto lançamento de filmes brasileiros nesse semestre em contraposição à quase centena de filmes estrangeiros dentro do circuito normal. Dos lançamentos nacionais é o mais bem acabado, tecnicamente falando, sem muitas irregularidades no roteiro. É também o que conseguiu maior público.

Nesse sentido, procura corajosamente recomeçar a produção independente que foi asfixiada pelo tradicional menosprezo à cultura nacional. No Brasil, o processo histórico que iniciou a produção, distribuição e exibição de filmes independentes, visando à libertação do cinema nacional das prioridades concedidas à indústria cinematográfica estrangeira, foi interrompido

no final dos anos Sessenta pelo AI-5. A política cultural dos governos militares impôs novos rumos ao cinema nacional que, de centenas de realizações por ano na década de Sessenta, ficou reduzida quase a zero nos anos Oitenta.

Lamarca é hoje um dos poucos filmes que retomam a linha dos anos Sessenta, num país onde a História, a memória e, portanto, a identidade nacional são pouco priorizadas dentro da política cultural (existe?) do governo.

Procurando recuperar a memória nacional, o filme desmistifica a política do duplo discurso do Milagre Brasileiro (1969 - 1972), que ocultava sob a euforia do falso nacionalismo - através de slogans como "Brasil, ame-o ou deixe-o", as torturas, as mortes e a

guerra civil que aconteciam neste país.

O diretor Sérgio Rezende realiza o filme com um roteiro bem escrito e segundo a dramaturgia pela qual optou, isto é, quase didática. Talvez a mais adequada para o resgate de memória nesse momento. Muitos críticos, porém, não aprovam a simplificação dramatúrgica, que não corresponde à criatividade do cinema político dos anos Sessenta, profundamente dialético na sua linguagem.

Nesse momento, a reali-

A AUTORA

Mary Enice Ramalho de Mendonça
Professora Doutora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP.
Especialista em História e Cinema.

zação cinematográfica tem optado mais pela funcionalidade, por seqüências muito bem explicadas, o que decepçiona uma crítica ávida pelo épico que sobretudo este tema suscita.

Apesar da funcionalidade que caracteriza o roteiro, há momentos de muita poesia no filme, como a despedida da esposa ou a cena final. Esses momentos recuperam, em parte, a dimensão de uma das figuras mais íntegras e corajosas de nossa História. Recuperam sua competência - no que a realidade posterior apresenta como seus possíveis equívocos - num momento em que a guerrilha parecia a solução para

nossos conflitos históricos e recuperam, principalmente, sua capacidade de sacrifício.

A idéia de sacrifício atinge o máximo na cena final.

Outros filmes utilizaram-se da idéia de sacrifício identificando-a com a morte de Cristo. Por exemplo Solanas e Getino em *La Hora de Los Hornos*, filme argentino de 1968, quando expõem para o público a imagem do rosto de Chê Guevara morto, por muitos segundos; ou Francesco Rosi, quando apresenta, no filme *O Bandido Giuliano*, o corpo de Salvatore Giuliano (1963) sobre uma lage oval e a cabeça recostada num

tronco, possivelmente inspirado numa pintura de Mantegna, que retrata o Cristo Morto.

O filme brasileiro evoca o sacrifício de Lamarca mostrando sua cabeça apoiada num tronco e o rosto com os lábios semi-cerrados e os olhos abertos, como os de Chê Guevara.

Os braços abertos acompanhando o tronco de árvore reforçam a metáfora do sacrifício de Cristo.

Lamarca, de Sérgio Rezende, procura recuperar uma das sempre esquecidas histórias dos vencidos, sob uma ótica crítica.